

**AN INVISIBLE CITY: SENSITIVE CARTOGRAPHIES OF THE SPACE
INHABITED BY HOMELESS PEOPLE**

**UMA CIDADE INVISÍVEL: CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS DO ESPAÇO
HABITADO POR PESSOAS "SEM TETO"**

Ethel Pinheiro Santana

Arquiteta e Urbanista, Professora, Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
ethel@fau.ufrj.br

Bianca Teixeira Rocha

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, pesquisadora de Iniciação Científica
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
bianca.rocha@fau.ufrj.br

Brenda Lúcia da Costa Romão

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, pesquisadora de Iniciação Científica
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
brenda.romao@fau.ufrj.br

Rachel Silveira Alves

Arquiteta e Urbanista, mestranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PGPP
rachel.alves@fau.ufrj.br

AN INVISIBLE CITY: SENSITIVE CARTOGRAPHIES OF THE SPACE INHABITED BY HOMELESS PEOPLE

UMA CIDADE INVISÍVEL: CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS DO ESPAÇO HABITADO POR PESSOAS "SEM TETO"

ABSTRACT

When mapping spaces called “invisible”, one can see the inhospitality practiced in some Latin American cities and how this “invisible city” is much more associated with urban neglect of homeless people than with their effective invisibility. The current scenario of post-COVID19 cities was the trigger for the research entitled “Affective Cartography” (in Rio de Janeiro) to look at the daytime routes and nighttime spaces occupied by people who find their survival on the streets – and they experience different environments based on community life. Through in situ verification, it has been possible to map neighborhoods in RJ in which these people build an affective and geographic territory, as well as construct a wandering map that will ultimately establish an affective cartography (Rolnik, 2007). The research, therefore, compiles manifestations of this “invisible city” by “aimless bodies”, contributing to increasing social sensitivity and design commitment for contemporary urbanism.

KEYWORDS: Ambiances. Affective Cartography. Ambulation. Invisible City. Aimless bodies.

RESUMO

Ao mapear espaços intitulados “invisíveis”, percebe-se a inospitalidade praticada em algumas cidades latino-americanas e como essa “cidade invisível” está muito mais associada à negligência urbana com pessoas em situação de rua, do que com a sua efetiva invisibilidade. O cenário atual das cidades pós-COVID19 foi o estopim para que a pesquisa intitulada “Cartografias Afetivas” (no Rio de Janeiro) se voltasse para verificar os trajetos diurnos e os espaços noturnos ocupados por pessoas que encontram, nas ruas, sua sobrevivência – e experimentam diversas ambiências baseadas na vida comunitária. Por meio da verificação in situ, tem sido possível mapear bairros do RJ em que essas pessoas constroem um território afetivo e geográfico, assim como construir um mapa-deambulante que consagrará, por fim, uma cartografia afetiva (Rolnik, 2007). A pesquisa, assim, compila manifestações dessa “cidade invisível” por “corpos sem rumo”, contribuindo para ampliar a sensibilidade social e o compromisso projetual para o urbanismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências. Cartografia Afetiva. Deambulação. Cidade Invisível. Corpos sem rumo.

1 INTRODUÇÃO

O projeto apresentado neste artigo visa incrementar o escopo de metodologias para a abordagem em espaços públicos no Rio de Janeiro - RJ, mapeando a configuração daqueles espaços intitulados “invisíveis”, uma vez que são fabricados pela presença de corpos que deambulam pelas ruas e buscam habitar a cidade enquanto a vida cotidiana está “em repouso”. Essa abordagem ganha validade a partir da análise das ambiências urbanas no cenário das metrópoles pós-COVID 19, atingidas pelo aumento da pobreza e de ocupação das áreas centrais livres.

No RJ, o Censo de População de Rua 2022 da Prefeitura identificou 7.865 pessoas, um aumento de 8,5% em relação a 2020, tais dados não são precisos e diversas entidades civis de apoio estimam mais de 10.000 pessoas sem abrigo na capital do RJ. Tal quantidade de pessoas “de rua/na rua”, afrontadas pela dinâmica dos usos formais e ocupacionais da cidade, acordado a falta de políticas públicas e insuficiência dos planos urbanísticos em inserir essas

peças como parte das discussões de desenvolvimento humano/urbano nas cidades, as coloca em um lugar de invisibilidade.

O universo inicial desta pesquisa foi composto pela observação de dezenas de pessoas que utilizam o “edifício dos Correios”, no Centro do RJ, local que muitas vezes é repetido ou revezado como forma de proteção desses corpos chamados “sem rumo”, e deambulam regularmente por longas distâncias com rumo pré-definido, construindo territórios a partir de sua experiência corporal e, assim, instituindo uma cidade invisível.

Em constantes sondagens por diversos bairros no RJ, desde a primeira incursão a campo no Centro do RJ, os integrantes da pesquisa verificaram outros bairros em que o pernoite de pessoas em situação de rumo ocorre com frequência, e também demonstram uma busca de inserção desse “corpo sem rumo” na cidade, durante o período diurno, como forma de sobrevivência.

Assim, este estudo pretende observar a aplicabilidade de alguns conceitos, como o de apropriação (Fischer, 1994), território e afetividade (Tomkins, 2015; Anderson, 2006). Visa também explorar os percursos peatonais traçados por pessoas em situação de rua, preferencialmente aqueles que acontecem durante as suas atividades diurnas, sendo os mesmos identificados nas entrevistas semiestruturadas a partir de seus pontos de pernoite. Deste modo, busca-se fundar material plausível de influência para a revisão de políticas públicas, contribuindo para aprimorar projetos urbanísticos e da paisagem urbana, e também aqueles que possam proteger e salvaguardar os entrelaçamentos sociais, culturais, patrimoniais e sobretudo humanos.

A pesquisa apoia-se em análise de cunho interdisciplinar, a partir de estudo de campo com utilização de fotografias, gravação audiovisual, croquis de campo, entrevistas semiestruturadas e georreferenciamento de dados, além de atividades de acolhimento e de abordagem sensível que visam facilitar o processo de mapeamento com ética, respeito e adaptabilidade às exigências de sondagem.

Utilizando a noção de Empatia Espacial (Eisenberg e Strayer, 1987; Duarte et al., 2015), a pesquisa trata de compilar as manifestações dessa “cidade invisível” por “corpos sem rumo”, contribuindo para ampliar as diretrizes de projeção de espaços sensíveis através de propostas para o urbanismo contemporâneo.

Tão logo, é desejo produzir um mapa-deambulante, construindo, assim, um potencial de síntese às dinâmicas dos locais/bairros que a mobilidade desses corpos constrói em um território e identificar quais significados são revisados a partir dele. Assim, apesar dos paradigmas entendidos de uma sociedade dirigida por grupos sociais hierarquizados, a pesquisa tem demonstrado que o uso e ocupação da cidade como um todo são os vieses que permitem interpretar um território.

2 SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS, CARTOGRAFIAS E AMBIÊNCIAS

O habitante das cidades contemporâneas, e suas maneiras de habitar, desejar e perceber o espaço urbano (em constante desenvolvimento), são a matriz da arquitetura e do urbanismo, enquanto realidade humana, constructo cultural, e reflexão de uma subjetividade. Tal matriz vem sendo estabelecida como parâmetro para “(...) a construção de um campo científico interdisciplinar que, comprova-se refletido em diversas produções que associam a arquitetura

e urbanismo ao campo da sociologia urbana, da antropologia, da psicologia e também da geografia” (Pinheiro, 2010). Pensar a ambiência como essa ‘materialidade’ que possibilita analisar tais relações de forma transversal, nos recortes espaciais das cidades, é o primeiro viés contributivo desta pesquisa para o aprimoramento da vida em sociedade, objeto maior de interesse da área de arquitetura e urbanismo.

Ainda, um pouco além, é possível afirmar que o espaço de uso cotidiano e de vivência só pode ser impresso e compreendido em seu valor emergente, ou seja, através do caráter coletivo e dinâmico que as novas interferências políticas e sociais constroem. A necessidade de uso da esfera pública e coletiva como forma de entender a mesma cidade é colocada como desafio aos projetos e ideários urbanísticos da contemporaneidade, principalmente derivados de (muitas) revisões das teorias situacionistas e do papel imprescindível da geografia humanista na compreensão do corpo e da interação homem-ambiente.

Na conceituação de espaço público há de se estabelecer, segundo Laval (2005, p. 37), “três dimensões do ‘público’ correlacionados com seus adjetivos do mundo ‘privado’: 1. Público versus privacidade, intimidade ou sociabilidade primária; 2. Público versus propriedade ou interesse particular e 3. Público versus não difundido, de conhecimento particular ou restrito”.

Nesta pesquisa, a ideia de corpo de rua/corpo na rua é colocado como forma de equipar um pensamento não hegemônico, invertendo a lógica de que uma pessoa que “está na rua” não tem escolha ou solução, pois, ao contrário, pequenas incursões por bairros cariocas, já realizadas com o apoio da Organização Não-Governamental “SOVAMOS-RJ”, desde 2021, tem demonstrado que existem inúmeros motivos para que pessoas estejam na rua, justificando o termo “em situação de rua” e ampliando a compreensão de que a deambulação por espaços livres constrói um novo tipo de cidade: aquela que se fragmenta das noções formais de seu planejamento.

O mapeamento dos corpos – por meio de uma Cartografia Afetiva – permite evidenciar esta cidade “invisível”, posto que não está defronte aos olhos, mas oculta, para que sobreviva. A cartografia que esta pesquisa lida é, sem dúvida, baseada no preceito primordial de um cartógrafo: representação geométrica simplificada de um território por meio de plantas, mapas e cartas. Mas, um pouco além, busca o mote da afetividade: o mapeamento das relações estabelecidas com os sentidos humanos e pelas apropriações dos corpos nos espaços. Deste modo, a pesquisa se fortalece no trabalho de Suely Rolnik, com o livro “Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo” (1989), que inaugura uma pesquisa basilar na análise dos processos de subjetivação do corpo feminino, ao elencar 24 personagens possíveis de “noivinhas”, de acordo com as linhas de desejo e os afetos de cada personagem.

A mudança de perspectiva no modo de se olhar os espaços livres/públicos das cidades nos últimos vinte anos trouxe o fortalecimento de uma abordagem existencialista, fenomenológica e encarnada dos lugares de convívio, que acabou por solidificar expressões de apropriação e usos diferenciados em espaços, além de movimentos mundiais pela busca de um mundo socialmente, tecnologicamente e economicamente sustentável.

Ainda assim, o número de pessoas em subcondições de vida urbana aumentou dramaticamente no Brasil. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgou um primeiro estudo em 2016 que indicava cerca de 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil. Já no estudo de 2020 o número da população em situação de rua teve um aumento

de 140% entre 2012 e março de 2020, subindo para 222 mil pessoas, ainda antes da Pandemia pela COVID-19, como aponta o IPEA:

O estudo aponta ainda desafios trazidos pelo contexto da pandemia do Coronavírus: a população em situação de rua cresceu 140% a partir de 2012, chegando a quase 222 mil brasileiros em março deste ano, e tende a aumentar com a crise econômica acentuada pela pandemia da Covid-19. (IPEA, 2023).

A quantidade de pessoas que perambulam pelas ruas não pode ser camuflada simplesmente por uma noção de “invisibilidade” que ganham pela maioria da sociedade civil e governamental. Obviamente, esta invisibilidade é seletiva. Igualmente, os Planos Diretores e o Planejamento urbano das cidades precisam confrontar tal situação e dialogar com a natureza, a qualidade e as respostas possíveis, diante da impossibilidade de abrigar todos os corpos no espaço público. Neste sentido, esta pesquisa busca colocar o mapeamento das ambiências vividas por esses “corpos sem rumo” como um holofote sobre a realidade sensível de “habitabilidade” de tais pessoas, suas deambulações e concentrações, e mais: suas experiências.

A comunicação do corpo com o espaço e o tempo históricos, e a postura individual adotada por cada sujeito em seu espaço de (sobre)vivência, tem motivado a maior parte das incursões nas teorias arquitetônicas sobre a complexidade e o futuro das cidades – estas, em profusa escala de modificação. Neste enredo, corpo e cidade são encarados como um espectro de amplas possibilidades que se mesclam na noção contemporânea de subjetividade.

Para aproximar esta pesquisa de sua finalidade, a pesquisa qualitativa se mostra ideal, se compreendermos que os estudos de ambiências permitem adotar ferramentas variadas como: exploração fenomenológica, entrevistas abertas ou semiestruturadas e leituras etnográficas usualmente consolidadas em sensações-síntese dos usuários das cidades. As narrativas, igualmente qualitativas, permitem um maior detalhamento da experiência espacial desses usuários a partir da observação direta de grupos pelo pesquisador e sua interpretação cultural; o sentimento espacial do pesquisador, também qualitativo, pode ser compreendido por um viés corpográfico de imersão no ambiente, dialogando com uma perspectiva fenomenológica do espaço, dada pela experiência espacial subjetiva.

Portanto, com foco em tais interações, e mais especificamente nos estudos sobre a vivência nas cidades contemporâneas, os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – LASC/UFRJ tem apontado para a grande importância do estudo das ambiências urbanas para a democratização das cidades, visto que a interação do ambiente com o indivíduo (enquanto ser cultural) permite a construção e o planejamento de territórios diversificados, agradáveis, propícios ao convívio, à segurança, às construções identitárias e memoriais – cruciais para a fundação de cidades que afetam e são afetadas por seus usuários.

3 METAS E PERCURSOS DA PESQUISA

A pesquisa, que começou a ser desenvolvida em 2019 sob o título “Cartografias Afetivas. mapeamento da vitalidade urbana no cenário das ambiências contemporâneas”, apoiada pela FAPERJ, teve como meta revisar e estruturar metodologias etnodinâmicas que favorecessem a compreensão sociocultural do vínculo com determinados espaços livres públicos (praças, becos, calçadas, largos), ou seja, os fragmentos livres que são apropriados pelo uso coletivo,

na esfera pública, numa leitura focada às consequências e revisões das formas de “construir lugar”.

O mapeamento do vínculo afetivo atrelado a tais espaços urbanos surgiu como mola-mestra durante a Pandemia. A revisão dessa pesquisa guarda-chuva para a análise das deambulações e permanências das pessoas em situação de rua chega nesta fase, intitulada: “CARTOGRAFIAS AFETIVAS DE CIDADES INVISÍVEIS”, que tem como objetivo geral desenvolver cartografias sensíveis que permitam evidenciar as formas de ocupação, nas metrópoles, por pessoas em situação de rua, começando pelo RJ. Por fim, como meta vislumbrada, espera-se atuar na revisão de políticas públicas voltadas à qualidade dos espaços livres públicos, para aprimorar as práticas sociais cariocas – ação já iniciada em parceria com a Prefeitura do RJ, para a análise de algumas praças na zona sul.

O conjunto de pesquisas que têm se debruçado sobre o problema da população em situação de rua no Brasil demonstra que as pessoas nesta categoria são diversas entre si, e mapear tais “personagens” e seus itinerários de usos (Fig. 1 e 2), no e espaço público urbano, permitirá reconhecer caminhos possíveis para um urbanismo solidário, voltado para a solução de corpos, e não para a manutenção exclusiva de máquinas.



Fig.1: Mapeamento dos focos de permanência noturna no Centro do RJ, Gamboa, Tijuca, Botafogo e Copacabana. Fonte: autores, 2024.

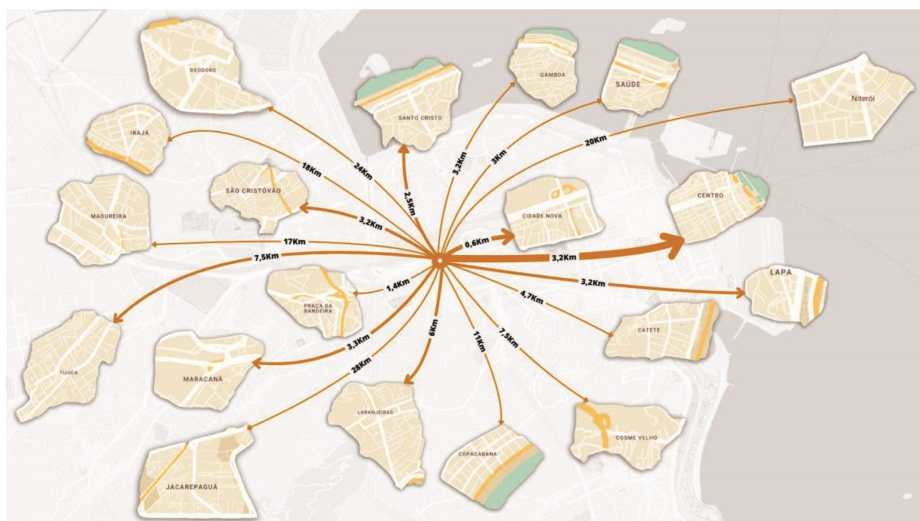


Fig.2: Mapa do RJ com recorte de bairros indicando o último local de residência e atividade diurna dos informantes na primeira visita de campo, realizada no Centro do RJ. Fonte: autores, 2023.

Muitos são os fatores que constroem a categoria “situação de rua”, tais como: falta de oportunidades no mercado de trabalho, pertencimento aos menores estratos sociais, rupturas familiares, perda da autoestima, doenças mentais, dependência química, entre outras. No entanto, todas têm em comum o elevado grau de vulnerabilidade e o apelo ao espaço públicos e aos agentes (em maioria não governamentais) para sobreviver na metrópole. Também é importante ressaltar que a condição de vulnerabilidade é uma das mais combatidas, desde 2015, pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – lançados pela ONU.¹

4 ETAPAS DE SONDAGEM, MÉTODOS E ANÁLISES PRIMÁRIAS

Para a realização da pesquisa, o contato de forma ética e também mapeada dos pontos de acesso a pessoas em situação de rua, além de oportunidade de maior comunicabilidade mediada por assistentes sociais, torna as etapas de cartografia dessas deambulâncias muito mais precisas e adequadas. A Plataforma Brasil já aprovou a consonância ética da pesquisa, portanto, ao buscar a consolidação de métodos de análise e de possibilidades de mapeamento de espaços sensíveis – espaços em que as relações sociais e identitárias são fortalecidas por um algum agente empático, produzido pela alteridade – esta pesquisa busca questionar os processos comumente empregados na produção de planos/propostas urbanísticas para as cidades contemporâneas.

Analisar esses estratos da cidade, por meio das ambiências consoantes aos usos desenvolvidos por pessoas em situação de rua, tem enriquecido as sondagens por espaços públicos no RJ e exigido uma metodologia bastante estratificada. Por isso, o processo metodológico se baseia em três etapas sequenciais, numa primeira fase:

1. busca direta da localização de pessoas em situação de rua pelo RJ, por meio de saídas a campo em horários noturnos e com o auxílio de transporte fretado para a comodidade e segurança da equipe(Fig. 3);
2. acolhimento e conversa direta com os interlocutores, com fornecimento de alimentação e de material explicativo sobre a pesquisa (Fig. 4);
3. aplicação de entrevista semiestruturada, visando mapear os pontos de permanência noturnos e as deambulações diurnas/vespertinas, além de registros das narrativas pessoais (Fig. 5 e 6).



¹ <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Fig.3: Fotografia da localização noturna registrada na primeira visita de campo, realizada no Centro do RJ (à esq.). Fonte: autores, 2024.
 Fig.4: Alimento fornecido na etapa de conversa direta (à dir.). Fonte: autores, 2024.



Fig.5: Entrevista direta com os interlocutores, realizada no bairro Copacabana, RJ. Fonte: autores, 2024.

Fig.6: Entrevista direta com os interlocutores, realizada no bairro Tijuca, RJ. Fonte: autores, 2024.

Através da apuração dos resultados obtidos nas análises (por meio de registros gráficos – croquis, gravações audiovisuais e entrevistas) são delimitados os dados necessários para a interpretação do ambiente sensível.

Após esta primeira fase, a segunda fase buscará realizar entrevistas abertas com algumas personagens mapeadas na fase anterior, seguindo para a entrega de “kit de desenho” (cadernos e lápis coloridos), para que seja devolvido o protagonismo àqueles que conformam a pesquisa e para que esses interlocutores construam seu próprio caderno de campo da cidade, que será apresentado à equipe de pesquisadores em momento oportuno, além da oferta de adesivos plásticos “auto-descolantes” (como chamamos na pesquisa), para que os interlocutores cole-no em suportes espaciais que indiquem os locais por onde tal população de rua passou durante o dia. O adesivo conterá uma frase de efeito, como: “a cidade não é casa”, de modo a popularizar a pesquisa e construir um sentimento de (re)descoberta dos lugares, dando visibilidade à sociedade civil sobre a ocupação desses espaços por pessoas em situação de rua.

O método, em sua primeira fase já desenvolvida, está sendo aplicado em diversos bairros da capital do Rio de Janeiro, sempre com o apoio da ONG “SOVAMOS-RJ”, e já consolida respostas obtidas nos bairros Tijuca, Vila Isabel, Centro, Gamboa, Botafogo e Copacabana. Já num primeiro contato, em formato de entrevista, foi observado na região do Centro do RJ e em outros bairros visitados (Gamboa, Tijuca e Copacabana) que existe uma rotina ou um motivo para o deambular, que se manifesta diante das mais diferentes atividades praticadas pelos nossos interlocutores. Os percursos citados fazem parte da paisagem cotidiana dos interlocutores, que há anos seguem utilizando o mesmo espaço como local de pernoite.

A ação de cada corpo na rua, apontada pelos interlocutores, mostrou também uma outra situação. Ao ser questionado sobre a cenário atual na qual o indivíduo abordado na rua se encontra, muitos listavam alguns pontos onde realizavam as suas atividades diurnas e o objetivo definido de realizar alguma função laboral, muitas vezes realizada de segunda a sexta, como por exemplo, comércio de doces, entregador de comida, reciclador, guardador de automóveis e biscateiro. A ideia de que a perambulação é uma ação descompromissada foi

abolida, diante desses relatos, uma vez que muitos não voltavam para suas casas e permaneciam na rua até que a semana de trabalho fosse concluída.

Essa confirmação permitiu evidenciar que muitos interlocutores não se consideram pessoas em situação de rua, e sim trabalhadores “da rua”, com problemas econômicos e de mobilidade urbana. A grande totalidade desses reside na Zona Oeste, na Baixada Fluminense e outros municípios circunvizinhos, que se encontram longe da área onde o trabalho de rua se desenvolve.

A partir do vínculo já percebido entre a rua e os interlocutores, foi possível contruir um mapa-deambulante, como que ‘alças’ (de ir e vir) entre o desejo/necessidade de deambular e o ato de retornar. O ir e vir expressa o desejo do corpo que a cidade realiza. A partir dos dados fornecidos pelas pessoas em situação de rua nos cinco bairros já analisados, em horário noturno, desenvolvemos as primeiras cartografias – que marcam pontos de interesse pessoal na cidade, muitas vezes associados a um local de trabalho, fornecimento de comida, visita à família, retorno a sua casa original ou visita aos amigos. É possível identificar a partir desses mapas-deambulantes as diferentes distâncias que alguns desses entrevistados percorrem durante um único dia para que no fim do mesmo, retornem ao lugar de pernoite compartilhado pelo grupo:



Fig.7: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas no Centro (à esq.). Fonte: autores, 2024.

Fig.8: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas na Gamboa (à dir.). Fonte: autores, 2024.



Fig.9: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas na Tijuca (à esq.). Fonte: autores, 2024.

Fig.10: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas em Botafogo e Copacabana (à dir.). Fonte: autores, 2024.

De acordo com os interlocutores abordados até o presente momento, o “estar na rua” pode representar uma situação de emprego temporário, viabilização do mercado das drogas ilícitas, curiosidade, possibilidade de aumento da renda familiar, carência, falta de moradia, ou até mesmo uma forma de “ensinar sobre a vida”, como é o caso do pai que leva seus filhos para passar grande parte do dia na rua, porque considera válido que suas crianças vejam pessoas trabalhar de forma digna, e se afastem do cenário no qual sua casa, dentro da favela, está inserido.

Essa realidade mostra, principalmente, que a vida “nas ruas” da cidade não é desprovida de propósitos ou de ambições, mas, se subjeta às condições temporárias que são incutidas a quem não encontra outra solução (nem governamental, nem civil) para mudar a sua vivência imediata. Neste sentido, diversas ambiências comunitárias são construídas para preservar esses corpos.

5 BREVES CONSIDERAÇÕES

A rua tem sido, para nossos interlocutores, abrigo econômico, político e suporte social diante da falta de políticas públicas e assistências adequadas, com real ênfase após a Pandemia pela COVID-19. Entretanto, a rua não se anuncia como um espaço acolhedor de fato, mas revela as ambiências da necessidade, da dureza, da aspereza do concreto e da forma como a mesma é politicamente entendida: para abrigar aqueles que “sobram”.

A princípio, é observado um certo prazer no caminhar, como instrumento de liberdade das pessoas em situação de rua, mas não advindo de uma escolha eletiva de estar na rua. De posse desses dados, uma cartografia afetiva urbana poderá delinear o vínculo “habitável” do espaço público em locais e momentos diferentes da rotina da cidade, através de um “olhar sensível” (Rolnik e Guattari, 2011).

A síntese do método construído em “Cartografia de Cidades Invisíveis” permitirá, ao final da pesquisa, previsto para 2026, a representação final por meio de esquemas gráficos georreferenciados e análises sensíveis que evidenciarão o padrão de circulação e permanência de pessoas em situação de rua em determinados espaços físicos da cidade, reforçando o valor dos aspectos sensoriais das ambiências urbanas e promovendo a visibilização de uma cidade ocultada pela falta de políticas públicas ou inadequado planejamento urbanístico. Através dessas análises sensíveis, disputas pelas narrativas, será possível mapear determinados tipos de pessoas “na rua”, ou mais especificamente, mapear as personagens, uma vez que só é atribuído um figura-personagem quando existe uma ação do corpo pela cidade.

6 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio financeiro para a realização dessa pesquisa a partir das seguintes fontes: FAPERJ processo E-26/201.276/2021 – JCNE, FAPERJ processo E-26/210.067/2024 e Edital PIBIC/UFRJ processo CEG/CEPG nº 521/2022.

7 BIBLIOGRAFIA

Anderson, B (2006). Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. In Environment and Planning: Society and Space. Volume 24 (pp. 733-752).

De Paula, K (2008). *Pela Câmara: delineamento metodológico de uma etnotopografia dinâmica* (tese de doutorado). Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Duarte, C (2015). A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Em *Revista Projetar*. Outubro, 70-76. Natal: UFRN.

Duarte, C.; Brasileiro, A.; Pinheiro, E.; Paula, K.; Vieira, M. & UGLIONE, P. (2007). O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. Em Duarte, CR.; Rheingantz, PA.; Bronstein, L. & Azevedo, GA. (Orgs.). *O Lugar do Projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Duarte, C. & Pinheiro, E. (Orgs.). (2019). *ARQUITIVIDADES e subjETURAS. Metodologias para a análise sensível do lugar*. Rio de Janeiro: Riobooks/FAU-UFRJ.

Duarte, C. & Pinheiro, E. (Orgs.) (2020). *Arquitetura, Subjetividade e Cultura. Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo*. Rio de Janeiro: Riobooks/PROARQ.

Duarte, C.; Miranda, C.; Pinheiro, E. & Silva, LJ. (2022). *Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências*. Rio de Janeiro: Riobooks.

Fischer, G (1994). *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.

G1. Número de pessoas em situação de rua no Rio aumentou; maioria é preta ou parda e possui baixa escolaridade. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/14/numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-no-rio-aumentou-maioria-e-preta-ou-parda-e-possui-baixa-escolaridade.ghtml>

Hall, S. (1990). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (Culture, Media and Identities Series). London: Sage Publications.

Lavalle, AG (2005). As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. *Espaço & Debates* 46. *Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. 25(46), 33-44.

Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (2023). *Síntese da Política para População de Rua*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/sumario#:~:text=A%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20para%20a,pe los%20%C3%B3rg%C3%A3os%20do%20Governo%20Federal>

Pinheiro, E.S. (2010). *Cidades Entre: Dimensões do sensível em arquitetura ou a Memória do Futuro na construção de uma cidade* (tese de doutorado). Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Rolnik, S (2007). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina Edit.

Tomkins, S (2015). *Affect, Imagery, Consciousness*. New York : Springer Publishing Company, 4 volumes.